

União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai concebe paradigma de sucesso:

# Um case study em acção social autárquica

*Num período indelevelmente marcado pela crise e pelas inúmeras dificuldades com que se confrontam as famílias, a intervenção social assume-se cada vez mais como uma medida de sustentação da sociedade, uma espécie de último reduto para a coesão social sobretudo no que diz respeito aos mais desfavorecidos. A importância que assume a compreensão das problemáticas sociais dentro do seu contexto ambiental, equacionando intervenções mais humanistas e mais próximas das reais necessidades da população esteve na base da constituição de um pioneiro trabalho, incubado apenas há um ano mas já com resultados surpreendentemente positivos no seio da União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai. O executivo autárquico resultante desta nova divisão administrativa do território é liderado por Daniel Gonçalves Bernardo, que assumiu a presidência desta junta de freguesia e logo soube administrar a sapiência resultante de 25 anos de dedicação ao poder local. O edil rodeou-se de uma equipa técnica capaz, a quem entregou a gestão do Gabinete de Urgência Social (GUS), uma verdadeira rede social com um nível micro em termos de abrangência geográfica mas com desígnios macro, quer no que respeita*

*ao estabelecimento de parcerias estratégicas, quer na multidisciplina de intervenção e valências assumidas.*

E foi precisamente neste contexto que a União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, através do seu, ainda que embrionário, Gabinete de Urgência Social, realizou no passado dia 12 de Novembro, mais uma acção dirigida à partilha e à procura de soluções para os principais problemas sociais. O Auditório Municipal da Póvoa de Varzim, com capacidade para cerca de 300 pessoas, encheu, acolhendo técnicos oriundos de todo o país – assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, educadores sociais, educadores de infância, animadores, professores, sociólogos, gerontólogos, estudantes e público em geral – para participarem no I Seminário de Intervenção Social: Da prática para a teoria.

Como afirma a organização do evento, “hoje, assiste-se a um fenómeno de generalização de risco social, por isso é importante debater estas temáticas de forma a catalisar as potencialidades e os recursos que as comunidades detêm e, sobretudo, procurar que as pessoas se tornem participantes activos no seu processo de reabilitação, emancipação e desenvolvimento quer pessoal quer colectivo. Só assim é possível realizar um trabalho relevante



na promoção da inclusão e na mudança de situações de exclusão”.

O evento foi o mote para uma visita de Dependências ao território, guiados pelo presidente da União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, Daniel Gonçalves Bernardo e pelas técnicas do GUS, Liliana Strecht e Vera Barbosa.

#### **Que motivos sustentam a preocupação de uma junta de freguesia como esta face aos problemas sociais?**

**Daniel Bernardo** – Antes de mais, devo dizer que se trata actualmente, não de uma, mas de três freguesias face à união. Temos a parte da cidade, que apresenta os seus problemas e temos as freguesias rurais, Beiriz e Argivai, cada uma com os seus problemas específicos. Este cenário constitui, para mim, uma novidade. Presidi a junta de freguesia da Póvoa de Varzim durante 25 anos, tendo sido submetido a sufrágio oito vezes e, no entanto, confesso que estou a aprender diariamente. É um desafio... Quanto à aposta na área social, um dos princípios que defendo é o forte investimento neste domínio. Até porque sou originário de uma família da classe piscatória, muito humilde, pobre e que viveu muitas dificuldades, concedendo-me uma enorme honra. Os meus pais foram forçados a emigrar para África, sob pena de morrerem à fome e, tendo vivenciado todos esses problemas, diria que estarei eventualmente mais vocacionado para eleger a área social como uma prioridade, bem como a incentivar colegas meus mais novos a seguir esse mesmo rumo. E hoje, mais do que nunca, essa aposta é premente. Até porque as grandes prioridades de outrora, das grandes obras, da abertura de ruas e avenidas estão ultrapassadas. Hoje temos que manter essas infra-estruturas mas devemos apostar fortemente na área social.

#### **No seio da acção social, com que tipos de problemas são mais confrontados?**

**Daniel Bernardo** – O nosso maior problema, cuja resolução não se afigura nada fácil, tem a ver com a pobreza envergonhada e escondida. Temos casais que já beneficiaram de uma vida regrada, em que ambos trabalhavam e que se vêm hoje em situações de enorme carência, porque um dos cônjuges ou até ambos perderam o emprego. Essas pessoas dificilmente vêm ter connosco dizendo que passam mal. E algumas passam mesmo fome! Com a criação deste Gabinete de Urgência Social, as nossas técnicas, que têm demonstrado um valor

#### **Escolas: Gerir investimento a pensar no futuro**

**DB** – Temos mais de uma dúzia de escolas do primeiro ciclo sob nossa alçada. Tudo o que tenha a ver com manutenção de expediente é nossa responsabilidade. Só para higiene e limpeza, gastamos cerca de 10 mil euros por ano. Temos uma regra de três composta em que “jogamos” com salas, alunos e professores no sentido de assegurar paridade e justiça na gestão de verbas, sendo que uma escola que tenha 100 alunos não receberá tanto como uma que tenha 400... Depois, definimos um plafond para cada direcção escolar gerir à medida das suas necessidades. Em suma, a escola encomenda e adquire o que precisa nas valências cujo financiamento nos compete, enviando a facturação à junta... O que esperamos é que este investimento anual se traduza em condições no presente para uma formação que dê frutos no futuro, no que concerne a uma nova geração bem qualificada.



incalculável, têm lentamente conseguido entrar nas casas dessas pessoas. Hoje, sabem quem precisa. E, em muitos desses casos, estamos a falar de pessoas que não aparentam as carências que actualmente as afectam.

#### **E como é possível a um órgão do poder local, como uma união de freguesias, também ela carenciada de competências e de recursos, materializar esse tipo de intervenção?**

**Daniel Bernardo** – Temos algo que ninguém nos tira: o contacto diário com o cidadão. Nós conhecemos os seus problemas, bem eles conhecem os nossos... Temos relações pessoais com uma significativa franja da população assentes no convívio e no lazer... E outras instâncias superiores, preenchidas por altos cargos e dotadas de grandes remunerações não conseguem isso. São até, muitas vezes, escoraçadas pelos cidadãos.

#### **Como avalia, em termos concelhios, a qualidade de vida dos munícipes poveiros?**

**Daniel Bernardo** – Pelo que vamos constatando, não estamos numa situação assim tão má a nível concelhio. A qualidade média de vida dos nossos munícipes é razoavelmente boa mas, como afirmei, temos no seio da sociedade, pobres e pobres envergonhados que se “escondem” dos serviços de apoio. Por isso, constituímos esta equipa de acção social que, muitas vezes, se vê forçada a adoptar uma atitude assistencialista, fornecendo mesmo bens alimentares a essa fasquia da população que vive com enormes dificuldades. Não podemos esperar que essas pessoas ve-

#### **Toxicodependência**

**DB** – Somos o concelho da Área Metropolitana do Porto que menos toxicodependentes tem. E isso será certamente fruto do trabalho das nossas associações e instituições. A oferta desportiva, em particular, tem um peso muito importante nesse indicador. Os casos que vão surgindo também beneficiam do nosso apoio e posso dizer que é com muito orgulho que observo que, em 25 anos, ajudámos a recuperar dois toxicodependentes de rua... Poderão dizer que não é muito mas, para quem viu autênticos “farrapos humanos” recuperarem e reinserirem-se social e profissionalmente com sucesso, é uma gratidão enorme. Mais ainda quando sei que foi graças ao trabalho desta junta de freguesia, ainda que em mandatos anteriores.



nham à junta – porque sabemos que não o farão -, por isso temos que nos antecipar, criando meios que nos permitam sinalizar esses casos para que possamos intervir.

**Presumo que esses meios sejam traduzidos e materializados em projectos concretos...**

**Liliana Strecht** – Todo este contexto que o presidente acaba de descrever é mesmo assim... Obviamente, terá outros contornos do ponto de vista técnico mas, no fundo, fizemos um projecto que fosse de encontro às dificuldades e, em vez de constituirmos um gabinete que abrisse portas àquelas respostas que toda a gente tem, avaliámos primeiro as necessidades, já conhecemos a freguesia e os seus handicaps mais prementes e, sobretudo, tivemos em conta o diagnóstico social do concelho. A partir daí, criámos as valências do gabinete. Esta situação de que o presidente falava, de as pessoas não procurarem os serviços por vergonha, corresponde efectivamente à verdade. Sabemos de muitos casos por terceiros, por vizinhos, por alguém que conhece o presidente ou um membro do executivo... Acabamos por saber por essas vias e intervir. Em termos de serviços, temos o aconselhamento e orientação social, que é transversal, e fazemos também o atendimento social. Paralelamente, temos formação às famílias, assegurada pela técnica

**Consumo de álcool**

DB – Embora não nos possamos queixar quando fazemos uma comparação com a realidade de concelhos limítrofes, é verdade que temos alguns casos. Admito que temos dois ou três sem-abrigo no concelho da Póvoa, o que, não sendo motivo de orgulho, também não nos envergonha em termos quantitativos.

de educação social. Cada uma das técnicas assume funções específicas: uma educadora social, dedicada ao apoio às famílias, uma gerontóloga, que dá apoio aos idosos, uma psicóloga que assume ainda a área da infância e uma técnica de recursos humanos afecta à área do emprego. Ao procedermos a esta divisão conseguimos actuar mais cirurgicamente. Na formação às famílias, além de acompanharmos a família a nível social, identificamos as lacunas e propomos uma formação diferenciada. A técnica vai a casa das pessoas, identifica as lacunas e actua sobre elas. Individualmente, cada família tem um plano de formação. Se a senhora tem dificuldades em gestão doméstica, a técnica cria um plano de intervenção e vai acompanhar in loco essa intervenção até obter resultados que, para serem mantidos, têm que ser controlados. Por isso, vamos fazendo um follow up das situações. Tentamos fazer as coisas de forma a sabermos que vamos tendo resultados. Trabalhar para o número é algo que não nos motiva.

**Como é sabido, uma situação de crise económico financeira acaba por ter repercussões nas mais diversas faixas etárias. No caso dos idosos, fala-se cada vez mais em situações de abandono familiar, de isolamento e solidão... Que respostas tem a junta para oferecer a estas populações?**

**Vera Barbosa** – Temos vários tipos de situações. Não temos apenas idosos em isolamento, solidão ou situação de maus-tratos. Temos também idosos que vêm até nós pedir esclarecimentos e aconselhamentos ao nível de subsídios, de encaminhamentos, de reformas... Nós fornecemos esse tipo de aconselhamento e orientação. Depois, temos casos específicos que nos preocupam enquanto gabinete e junta para os quais é por vezes mais difícil encontrar respostas. A título de exemplo, fala-se muito em solidão e isolamento, situações lacunares que procuramos identificar no sentido de podermos depois criar projectos que forneçam respostas. Posso referir o projecto GUS Sénior, alicerçado no voluntariado, inicialmente piloto mas que se encontra já em fase de ampliação. O objectivo consiste em recorrer a voluntários que auxiliem idosos sem retaguarda familiar, com carência económica e algum tipo de dependência. Para cada idoso temos uma equipa de dois ou três voluntários, que após uma formação no âmbito gerontológico connosco, fazem visitas domiciliárias semanais ao idoso, acompanham-nos nas idas aos cuidados de saúde, às compras, em actividades lúdicas e na inserção na sociedade. Este projecto acaba por resultar numa extensão do Gabinete de Urgência Social, uma vez que chega onde a equipa técnica não consegue chegar.

**I Seminário de Intervenção Social**

DB – A organização deste evento nasceu a partir de uma ideia das técnicas do GUS. Quando a coordenadora me apresentou a ideia, eu dei de imediato o aval para que se avançasse. Tratou-se de um investimento em capacitação e apraz-me registar que o Auditório Municipal, que tem capacidade para acolher cerca de 300 pessoas, encheu, algo que raramente acontece. E com gente que veio de vários pontos do país e que não se poupou em elogios à capacidade organizativa e à qualidade evidenciada por estas técnicas que organizaram o I Seminário de Intervenção Social.





**Que tipo de resposta pode oferecer um autarca do poder local ao nível da freguesia a um munícipe que lhe bate à porta a relatar uma situação de desemprego?**

**Daniel Bernardo** – Pelos motivos que já frisei e que têm a ver com as dificuldades que já vivenciei, confesso que sou muito sensível a esse tipo de fenómenos. A minha primeira abordagem consiste em acalmar, dentro do possível, o cidadão e fazê-lo crer que alguém estará atento e disponível para encontrar uma solução para a sua situação. Então, encaminho o caso para o gabinete porque sei que as nossas técnicas só não farão o que não for mesmo possível.

**O que espera obter a partir desta aposta na acção social?**

**Daniel Bernardo** – Desde logo, estou aqui porque quero. Sou autarca não remunerado. Faço o que faço por prazer. E, depois de entrar no barco, por dever. Hoje, estou com 62 anos mas entrei para a política activa com pouco mais de 30 anos. Fiz parte de várias comissões políticas, presidi núcleos e concluo que não fui mais longe na minha carreira profissional porque o tempo que despendi com a política o incompatibilizou. Em suma, o que espero? Espero morrer descansado, em paz interior e acredito que vou ser recompensado.

**Liliana Strecht** – O executivo dá-nos liberdade de acção. Embora tenhamos metas que nos orientam, não trabalhamos para efeitos quantitativos. Fazemo-lo consoante aquilo que nos vai aparecendo. Neste momento, o gabinete vai fazer um ano e temos 1064 utentes, atendidos diariamente, com diversas problemáticas. Em termos de serviços, temos formação para cuidadores informais, temos a consulta gerontológica, temos a consulta pedopsicológica, a intervenção em risco com indivíduos sem-abrigo, toxicodependentes, casos de violência doméstica e outros casos que se enquadrem nesta temática; Se entendermos que não temos competências para trabalhar determinado caso, activamos as parcerias que celebrámos. Temos actualmente 42 parcerias formais e informais que nos permitem ampliar o raio de acção. Reestruturámos um balneário social que dá hoje apoio a várias áreas e estamos actualmente a projectar um roupeiro social; temos os projectos de intervenção em domicílio, no âmbito do GUS Sénior, que ampliaremos para 16 idosos, o que corresponde a uma conquista fantástica do ponto de vista técnico; também trabalhamos muito ao nível dos rastreios de saúde, numa óptica de prevenção, de redução dos fenómenos e de educação. A este nível, realizamos muitos workshops, oficinas sénior com actividades mensais diversificadas, actividades de educação social, grupos psicoterapêuticos em temáticas como a obesidade infantil, sexualidade na adolescência, toxicodependência... Além do serviço

corrente do gabinete, é preocupação da Junta fazer trabalho à comunidade. Saímos do gabinete, identificamos lacunas e lançamos actividade. O facto de termos carta branca para executar facilita muito.

**Pelo que constatámos, neste território, ainda que sob a égide de uma união de freguesias, existe uma verdadeira rede social, à escala do que melhor se pratica em algumas câmaras municipais reveladoras de boas práticas...**

**Daniel Bernardo** – Eu aposto sempre em grande. E é só dando esta liberdade às técnicas que se consegue rentabilizar o trabalho e produzir os resultados esperados. Dar responsabilidade e liberdade é o lema. O que está aqui, com o devido respeito e separação de competências, é uma verdadeira família. O que temos é uma verdadeira social, que por vezes não é vista com bons olhos por condicionantes políticas e por inveja.

**GUS: diagnóstico, parcerias, planos individuais e avaliação**

**Liliana Strecht** – Tudo o que é feito no gabinete é avaliado. Fazemos avaliações estatísticas, medimos índices de qualidade, temos uma real noção de quem é o nosso público e sobre a forma como temos que trabalhar. Fazemos uma avaliação das necessidades e aplicamos os planos individuais de intervenção. Dentro do gabinete temos respostas para dar a essas pessoas, que constituem o núcleo dos nossos destinatários, no fundo as pessoas que, tendo um abrigo onde viver, passam actualmente por inúmeras dificuldades, muitas das quais tiveram origem na perda de emprego. Nomeadamente na questão do emprego, temos um espaço emprego, uma espécie de mini centro de emprego que funciona no gabinete. O Centro de emprego também é um dos nossos parceiros, integrando uma rede bem mais abrangente. A nossa metodologia passa pelo seguinte: todos sabemos que existem muitas ofertas de emprego que são paralelas ao IEFP. Agregámos todas essas ofertas, disponibilizando-as aqui, desde bolsas de emprego que aparecem na internet, jornais, empregadores locais e outras pessoas que vêm aqui colocar ofertas, empresas de recrutamento e selecção e de trabalho temporário. Temos tido muito bons resultados, empregámos muita gente e estamos com uma média mensal de 10 pessoas a serem colocadas. Devo ainda frisar que, seja na área do emprego, seja na área social, o nosso método não é estanque. Estamos constantemente a actualizá-lo e a isso não é alheio o facto de apostarmos na realização de inquéritos de satisfação. E elegemos um parceiro estratégico para cada necessidade social que identificamos em cada um dos nossos destinatários.

